

**Nome:** Wesley de Faria Leonel

**E-mail:** wesleyleonel@gmail.com

**Instituição de Ensino:** UFOP

**Orientador:** Romero Freitas

## AUTONOMIA DA ARTE E NOVAS POSSIBILIDADES DO DISCURSO FILOSÓFICO

**Resumo:** É o conceito ‘filosofia’ ele mesmo um conceito filosófico a ser atualizado? O que demanda tamanho empreendimento?

O questionamento acerca do estatuto da atividade filosófica foi costumeiramente trazido por disciplinas das ciências naturais e mesmo das humanidades – com as quais a filosofia guarda uma relação ambígua. Mas é razoável considerarmos que o questionamento é também interno à própria filosofia, de modo que esta indagação assume uma importância autenticamente filosófica e acompanha a filosofia desde seu início. É forçoso notar que (seja lá o que se compreenda por *atualização*) a filosofia possui uma dupla relação com a questão de sua natureza e de sua destinação enquanto atividade reflexiva, de tal forma que o questionamento partido de dentro adquire mais força e relevância entre os filósofos do que os conceitos e problemas endereçados à filosofia a partir de fora. Nada apela mais à transformação dos esquemas conceituais da filosofia do que ela própria.

Não é raro que se considere as críticas mais contumazes à necessidade, destinação e estatuto da filosofia aquelas endereçadas à metafísica ou à aptidão cognoscitiva da filosofia que teriam partido, de modo geral, das ciências positivas e/ou seus entusiastas. Desde o florescimento de uma agenda científica clara e delimitada, estabelecida principalmente entre os séculos XIV e XIX, a filosofia tem sido chamada a mostrar ao que veio – ou ao menos um motivo razoável para manter seu *establishment*. A robustez desta agenda e seu sucesso subverteram o quadro de relações entre o conhecimento candidato ao *status* de ciência (*epistème/scientia*) e seu juiz sempre absoluto, distante e impassível – a filosofia tendo tradicionalmente ocupado este cômodo mas perigoso lugar. O filósofo estadunidense Arthur Danto chama a este processo de reversão nos papéis de autonomização epistemológica de uma agenda de *credencialização/descredencialização*.

Diferente do que esperaríamos de um filósofo formado em uma escola analítica, o pensamento de Danto não recai exclusivamente sobre a análise do conhecimento científico, sobretudo daquilo o que se poderia retirar de conclusão do positivismo lógico para a sobrevivência da filosofia. A questão é exatamente que o positivismo lógico, em meados da década de 1960, já dava claros sinais de esgotamento interno e externo – Quine, Rorty, Strawson, dentre outros, já haviam chacoalhado à exaustão os amuletos lógicos superestimados dos seguidores do Círculo de Viena, mostrando sua caduque. Um desafio ainda maior à turbulenta década de 1960 impõe-se à filosofia, chamando à baila os pensadores atentos a tal acontecimento: operava-se no meio artístico a instauração de um momento totalmente novo e intelectualmente provocador, do ponto de vista hermenêutico e mesmo do contexto mais amplo da função de certas atividades do meio artístico, da crítica de arte, do público, da estética e, portanto, da filosofia. Ao menos na visão de Danto, a arte de então e posterior jamais será a mesma; não foi algo corriqueiro e de menor importância. O que ocorrera merece o nome de revolução.

Bem compreendido, o advento da arte contemporânea significou para a filosofia, segundo a interpretação de Arthur Danto, tanto um aprendizado quanto uma revanche; tanto uma perda a ser absolvida quanto uma possibilidade enorme de ganho.

E o advento desta nova era na história da arte deve-se a Marcel Duchamp, com a criação dos objetos *readymades* em 1917, e de Andy Warhol que radicalizou o princípio dos *readymades* e elevou a arte ao nível de seu conceito, de sua autoconsciência: na medida em que o critério para dirimir qualquer dúvida a respeito de qual, dentre dois objetos perceptualmente indistintos, é uma obra de arte e qual não é, não pode ser um critério ou uma diferença acessível ao olho/ouvido puros. Os *readymades* levaram à última consequência a intuição segundo a qual se algo se torna uma obra de arte ela o faz por méritos imunes a qualquer semelhança corriqueira. Ora, o que eleva qualquer obra a tal *status* é da ordem do abstrato, do conceitual; “o que, afinal de contas, faz a diferença entre uma caixa de Brillo e uma obra de arte consistente de uma caixa de Brillo é uma certa teoria da arte”<sup>1</sup>. A esta autonomia na constituição de uma nova rede de objetos artísticos, na reflexão sobre seu fazer e sobre seu significado frente a uma pretensa autoridade estatutária da filosofia sobre a arte é que Danto chama *descredenciamento*.

---

<sup>1</sup> DANTO, Arthur. O mundo da arte. **Artefilosofia**, pág. 22.

Como se pode prever, o processo de autonomização pelo qual a arte se desvincula de qualquer atitude descredenciadora da filosofia impõe perdas à maneira tradicional de se compreender o papel da filosofia frente à atividade artística (seu conteúdo, seu significado último, sua destinação, sua moralidade até). Uma crítica da arte assentada sobre uma noção purista de contemplação da obra, de fruição plena e imediata dos sentidos, obviamente perderá o poder (conceitual e institucionalmente adquiridos e assentados) de normatizar a prática artística. Não mais cânones. Não mais manifestos. Não mais uma estética normativa, portanto. Ora, se se compreende que a estética é uma disciplina filosófica (conforme o faz parte expressiva da tradição filosófica desde o século XVIII), então eis aí uma segunda modificação relevante (para além da revisão – um tanto forçada – que a filosofia da arte tem que fazer de sua posição frente à arte e a fundação de seu estatuto). Além de a filosofia ter que perder um pouco de sua “petulância” por não ser mais a única autorizada e a melhor colocada para fundar e justificar a atividade artística, ela deve também refrear qualquer ímpeto de ler a arte de então e de agora ingenuamente, como se o artista não soubesse o que estivesse fazendo – por uma inaptidão para o pensamento.

Mas o panorama é, por outro lado, bastante promissor. A auto-credencialização da arte frente a descredencialização histórica da filosofia não torna falível qualquer empreendimento filosófico acerca da arte ou outro, ela “coloca a filosofia de volta nos trilhos da razoabilidade”, tornando possível – agora sim – “que a filosofia diga algo de informativo” e relevante acerca da arte. Neowittgensteinianos, admirados com o ascetismo intelectual que a prática da terapia quietista dos problemas filosóficos – transformados em *nonsense* – prometiam, concluíram – à maneira do mestre – que a arte ou não era definível ou tal definição, se ligeiramente viável, não era sequer necessária. Cada obra de arte nova guardava com as precedentes uma coincidente, mas casual, “semelhança de família”. Sob esta perspectiva antifilosófica (de filósofos), nada de relevante pode ser dito. Obviamente, o uso do conceito de “semelhanças de família” é excessivamente diacrônico, partindo do pressuposto que obras passadas com as quais as mais recentes guardam relações foram estabelecidas como obras por um processo muito obscuro, mas não menos infalível. A aplicação deste conceito não explica por que tais coisas do passado eram obras e não outras coisas.

Todavia, em última instância, o maior dos ganhos que a filosofia poderia extrair da arte contemporânea seria, admitindo a realidade artística como tal, sem criar especulações

idealizantes, ser capaz de dizer algo informativo sobre ela – o que, para Danto, significa dizer: esclarecer o conceito pós-histórico da arte. A arte contemporânea conquistou algo sem precedentes e, de certa forma, perene: tornou-se consciente de sua natureza e legou à filosofia a oportunidade de mostrar sua especialidade insubstituível com o problema filosófico por excelência: o problema dos indiscerníveis. Do lado da arte, ela teria já compreendido que sua natureza é conceito, atmosfera teórica. À filosofia cabe, pois, permanecer, até certo ponto, imune às críticas externas e “limar” mais um conjunto de problemas externos em sua própria linguagem conceitual, submetendo-os à sua especialidade: forjar interpretações cogentes e totalizantes capazes de divisar objetos aparentemente iguais mas ontologicamente distintos.

Radicalizando a inescrutabilidade do problema dos indiscerníveis para outra disciplina que não seja a filosofia, Danto diz:

Existem 30 versões conhecidas do *Census in Bethlehem*, de Pieter Bruegel, com o qual se faria uma maravilhosa exibição estando todos eles para serem mostrados juntos. Mas não há conexão entre o que a técnica da ressonância molecular pode mostrar e o sobre que são as pinturas<sup>2</sup>.

E continua:

É possível supor que a diferença entre ciência natural e ciências humanas [*Geisteswissenschaften*] nos engane quanto ao fato de este imperativo não se aplicar quando consideramos indiscerníveis pares (ou n-tuples) entre objetos culturais, onde não há nível molecular para o qual descender.

Mesmo quando “existente como um objeto físico”, as análises naturalistas são insuficientes.

Por fim, é possível delinear um ganho conclusivo e ainda mais relevante, não só para a filosofia ou para arte, mas a partir desta para a filosofia e para as ciências naturais e humanidades. O que substancialmente signifique esta nova epistemologia das ciências, artes e filosofia, ela é sugerida por uma reviravolta no mundo da arte, que acaba por trazer à filosofia a possibilidade de reordenar sua atividade e, conforme sucintamente mostrado acima, recredenciar-se a partir do abandono do discurso descredenciador.

---

<sup>2</sup> DANTO, Arthur. Indiscernibility and Perception, pág. 322.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea; indiscerníveis; descredenciamento filosófico da arte; Arthur Danto.

## BIBLIOGRAFIA

DANTO, Arthur. O mundo da arte. Tradução Rodrigo Duarte. *Artefilosofia*, v. 1, p. 13-25, 2006; The artworld. Simposium: The Work of art. In **The Journal of Philosophy**, Vol. 61, No. 19, American Philosophical Association Eastern Division Sixty-First Annual Meeting (Oct. 15, 1964), pp. 571-584.

\_\_\_\_\_. Indiscernibility and perception: a reply to Joseph Margolis. *British Journal of Aesthetics*, vol. 39, n. 4, October, 1999.

\_\_\_\_\_. *The philosophical disenfranchisement of art*. Ney York: Columbia University Press, 1986.

WEITZ, Morris. O papel da teoria na estética. Tradução de Célia Teixeira. Disponível em: < [http://criticanarede.com/fil\\_teorიაestetica.html](http://criticanarede.com/fil_teorიაestetica.html) >. Acesso em: 2 junho 2011.